

# Créditos de agências de bancos brasileiros fora da negociação

por Maria Clara R.M. do Prado  
de Brasília

As agências de bancos brasileiros no exterior têm aplicado no Brasil, entre empréstimos de longo e médio prazos, um total de US\$ 7,2 bilhões que ficarão fora do sistema de reescalonamento montado dentro do "pacote" de renegociação plurianual da dívida externa brasileira. A fatia do Banco do Brasil, como credor, é de US\$ 5,6 bilhões, cuja amortização deve ser paga, através de cobertura do Banco Central, a partir de 1º de janeiro deste ano, assim que for assinado o contrato com os bancos credores referente à fase 3.

Com o pagamento das amortizações, os bancos brasileiros no exterior de-

vem liquidar as posições no interbancário assumidas pelos bancos estrangeiros durante a vigência das fases 1 e 2 do processo de renegociação. E é justamente neste ponto que começam as dificuldades das agências do BB no exterior: "De imediato, teremos uma redução de cerca de US\$ 800 milhões por ano em nosso portfólio de longo prazo, o que nos leva à necessidade de buscar este dinheiro nas operações de comércio".

## SEMINÁRIO

A observação é do vice-presidente para operações internacionais do Banco do Brasil, José Luiz da Silveira Miranda, ao abrir ontem, em Brasília, o seminário interno que foi articulado com o objetivo de preparar os administradores

de agências e representantes de escritórios da instituição no mercado financeiro internacional para a nova fase que se procura instituir para mudar a atuação do BB na área externa.

"A situação obriga a uma completa reformulação no nosso posicionamento no exterior, já que não poderemos contar com 'fresh money' — fora do acordo com os bancos credores — e, se não formos buscar nas linhas de comércio outras alternativas, não conseguiremos manter o volume das aplicações que caracterizam a atuação do Banco do Brasil lá fora", alertou Miranda à platéia.

## INTERBANCÁRIO

O problema resume-se a uma questão simples: nas linhas de interbancário, cujo valor de US\$ 5,4 bilhões está sendo mantido pelos bancos estrangeiros e dos quais o Banco do Brasil detém 80%, não há competição, já que os recursos estão alocados em função do acordo celebrado com os credores relativo à fase 2 — esta está sendo prorrogada automaticamente, enquanto não se inicia a retomada dos entendimentos da fase 3. Mas, na medida em que o Banco do Brasil, para manter suas aplicações, se vê diante da contingência de

incrementar as operações de *financiamento ao comércio*, ele estará disputando mercado com uma fatia bem mais ampla de instituições, incluindo aí as agências de bancos estrangeiros no Brasil.

"O Banco do Brasil, até aqui, não demonstrou grande interesse em atuar com linhas de comércio, preferindo destinar suas aplicações ao mercado de 'hot money' com preferência nas inversões em títulos do governo dos Estados Unidos, que dão uma segurança garantida. Assim, os exportadores brasileiros praticamente atuam hoje com agências de bancos estrangeiros no Brasil", atestou o presidente da Associação dos Exportadores Brasileiros (AEB), Laerte Setúbal.

## AGRESSIVIDADE

Do total de US\$ 10 bilhões das linhas de comércio, com financiamentos de curto prazo (até 360 dias), o Banco do Brasil detém hoje a fatia de apenas US\$ 1,2 bilhão. O necessário aumento da participação, no entanto, tem desde já o apoio dos exportadores: "Estamos dispostos a operar com o Banco do Brasil lá fora, desde que a instituição esteja realmente empenhada em tornar-se mais agressiva neste campo", assegurou Laerte Setúbal.